

Do Video-tape ao VAR: o *Footbyte* e as mudanças nas arquiteturas do olhar e da experiência de jornalistas esportivos¹

Ricardo Bedendo²

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

RESUMO

O Footbyte: Núcleo de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Futebol foi criado em 2023 para dar sequência às pesquisas iniciadas em 2009 que propunham problematizações conceituais e práticas sobre às profundas transformações provocadas pela intervenção da tecnologia nas experiências, olhares e decisões do tradicional Football. Agora, cada vez mais, a utilização do *Video Assistant Referees* (VAR) nos convida ao jogo pós-humano, que denominamos de *Footbyte*. Nossa metodologia abrange a revisão de literatura e, em especial, a pesquisa histórica/documental aliada à análise discursiva de jornalistas, por meio dos registros de jornais. Estes nos ajudam a pontuar as mudanças na relação com o jogo dentro e fora de campo.

PALAVRAS-CHAVE

footbyte; football; tecnologia; multimídia; jornalismo esportivo

1 - Introdução

A histórica frase do jornalista Nélson Rodrigues “Se o videoteipe diz que foi pênalti, pior para o videoteipe. O videoteipe é burro”, lembrada pelo escritor Ruy Castro (1992, p.312), demarca muito mais do que um avanço da tecnologia sobre a televisão no final dos anos de 1950. A ironia de Rodrigues contrapôs a opinião dos colegas de mesa no saudoso programa esportivo “Resenha Facit”. Pautados pelo olhar da máquina, os cronistas analisavam a não marcação de um pênalti a favor do Flamengo contra o Fluminense, em 1962, pelo árbitro Airton Vieira de Moraes. Castro (1992) relata que Luiz Mendes pediu para “rodar solenemente o teipe” para que pudessem tomar uma decisão sobre a atuação do juiz.

A tecnologia do videotape lançada nos Estados Unidos em 1956 e introduzida na TV brasileira em 1960 (PÔRTO JÚNIOR et. al, 2018) pontua um recorte histórico

¹ Trabalho apresentado na GP 5- Comunicação e Esporte do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC-Minas – 4 a 8/9/2023.

² Professor Doutor do Departamento de Técnicas profissionais e Conteúdos Estratégicos da Faculdade de Comunicação da UFJF. Coordenador do “Footbyte: Núcleo de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Futebol”. E-mail: ricardo.bedendo@ufjf.br

fundamental da intervenção do *chip* nas diferentes “arquiteturas do olhar e da experiência” (BEDENDO, 2011) de todos os sujeitos do então tradicional *football*. A possibilidade de gravação e de rever cada momento de uma partida, ainda que de maneira muito lenta e com poucas opções de ângulos ou aproximações, sublinha o que poderíamos considerar já um “namoro” entre a *ball* e os *bytes* do Vale do Silício americano. Esta relação, com o passar dos anos, foi se tornando ainda mais próxima, veloz, audaciosa, provocativa e com potencial cada vez maior de intervenção nas tomadas de decisões dentro e fora dos campos.

2 – Do football ao footbyte: métodos para compreendermos as mudanças nas “arquiteturas do olhar e da experiência”

Do *football* da sociedade panóptica disciplinar do final do século XIX, chegamos ao potente *footbyte* das comunidades *self-mídia high-tech* de “inflação das telas” (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p.255) em 2023. Este artigo faz um recorte dos discursos de jornalistas esportivos brasileiros que, em 1986, na Copa do Mundo de Futebol do México, tiveram suas experiências e olhares ainda mais provocados com a estreia do “tira-teima” na TV Globo. Depois dos períodos de “flerte”, “paixão” e de “noivado”, casam-se a bola e os *bytes* da tecnologia das lentes e dos gráficos televisivos. É neste contexto que os jornalistas, já na primeira partida da Seleção Brasileira, no dia 1º de junho, diante da Espanha, são convidados a um “*download*” de atualização de suas relações com o esporte. Aos 7 minutos do segundo tempo, a seleção europeia marcou um gol não validado pelo árbitro australiano Christopher Bambridger e nem por seu assistente. O espanhol Michel bateu forte de fora da área, a bola acertou o travessão e tocou a grama, atrás do goleiro brasileiro Carlos, que nada pode fazer. Pelas retinas dos juízes, a bola não havia ultrapassado totalmente a linha de gol.

Alguns jornalistas à frente das transmissões tiveram dúvida, enquanto outros, apenas pelo *replay*, como o saudoso João Saldanha, na Rede Manchete, foram certos na afirmação do gol (BEDENDO; MONTEIRO, 2014). A linha traçada pelo computador no congelamento da imagem, no “efeito choque” do *stop* (LIPOVETSKY; SERROY, 2009), “comprovou” que a “redonda” havia ultrapassado em 20 centímetros a risca do gol. Para completar o cardápio do *buffet* tecnológico, o Brasil venceu com um

gol de Sócrates, marcado logo depois, em impedimento não assinalado, segundo alguns jornalistas.

As narrativas discursivas dos profissionais de imprensa nos jornais “O Globo”, “Folha de São Paulo” e “Jornal dos Sports” retratam a convivência conflituosa com os “updates” das “lentes de contato” aplicadas compulsoriamente sobre o olhar humano. No dia 2 de junho de 1986, Dalton Crispim escreveu no Jornal dos Sports: “deu Brasil, graças a Deus. E como sou daqueles que, em futebol, quero ganhar até com gol de mão, no último minuto, marcado por um jogador impedido, não me interessa discutir se a bola do Michel entrou ou não”.

Em 2023, podemos afirmar que o *Footbyte* veste o seu uniforme mais *fashion* sob o ponto de vista de que as ferramentas tecnocientíficas de comunicação, em especial as audiovisuais, assumem de vez e majoritariamente o apito. Agora, o VAR (sigla para o termo em inglês *video assistant referee*) e outras interfaces como o *Hawk-Eye* (olhos de faisão) que rastreiam os caminhos da bola, como relatam Guimarães e Costa (2020, p.503), apresentam-se como capazes de fornecer “soluções confiáveis para a tomada de decisão da arbitragem, captando imagens em diversos ângulos de objetos e pessoas”.

Portanto, nossa intenção é evidenciar a característica de um “jogo pós-humano” (BEDENDO, 2012) que, como nunca antes na história, desafia, acima de tudo, eticamente os jornalistas nas suas multiplicadas vivências e em seus discursos reverberados, compartilhados e com poder de impacto social imensamente maiores, potencializados pelas redes sociais digitais. A metodologia de pesquisa bibliográfica e documental, com a análise discursiva, busca mostrar, principalmente, a importância de voltarmos no tempo para compreendermos o que, de fato, estamos fazendo e o que temos que moldar daqui para frente nesta pauta esportiva.

Como contextualizam Oliveira et al. (2020, p.95), “a partir do momento em que o árbitro central faz o gesto do retângulo imitando a tela do monitor, o tempo do jogo e das interpretações, como já destacado, se alteram e entram em cena”. O aporte de dezenas de câmeras altera e reconfigura os níveis de exigência dos olhares, das experiências, das decisões e de outras muitas subjetividades. O VAR foi introduzido oficialmente na Copa do Mundo de 2018, na Rússia, e, como resgatam Oliveira et. al (2020, p.97), em um jogo, são 33 câmeras, sendo duas voltadas especificamente para situações de impedimento e outras duas exclusivas no árbitro principal, com acompanhamento das suas tomadas de decisão e sinalizações. “Existe também, quatro

câmeras que filmam em ultra câmera lenta e mais oito em super câmera lenta, com intuito de identificar o contato em uma possível falta ou a interpretação em lances subjetivo” (OLIVEIRA et al., 2020, p.97).

A pesquisa com ramificações históricas que propomos, desde 2009, tem, assim, a intenção de sugerir um percurso de “arqueologia e genealogia da bola e do football”. Nos parece imprescindível perceber as conexões entre os tempos que se cruzam: “rito, football e footbyte constituem-se através de protocolos sociais, mediados por demandas de diferentes épocas e ambientes nos quais o jogo se edificou e ganhou notoriedade e popularidade. Da pré-modernidade ao hipercontrole” (BEDENDO, 2012, p.3).

O acesso aos jornais por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional se constitui neste trabalho como dispositivo metodológico essencial, porque nos oferece a oportunidade de visualizar e interpretar a formação dos discursos dos jornalistas em meio aos avanços da tecnologia e suas interferências em todas as circunstâncias do então *football*. Estes agrupamentos discursivos revelam “formas de exclusão”, de “limitação” e de “apropriação” e nos convidam a pensar nas “condições de aparição, de crescimento, de variação” destes enunciados (FOUCAULT, 2014, p.57). Portanto, não é só bola na rede do campo de jogo. É também imprescindível refletir sobre a *ball/byte* nas redes de relacionamentos ao longo de sua trajetória.

3 – Toque de ball/bytes entre tempos: jornalistas esportivos mediados pelas tecnologias de comunicação

Em 2011, quando dissertamos sobre as primeiras concepções do que denominamos “arquiteturas do olhar e das experiências”, chamamos a atenção para a importância neste processo da composição histórica arquitetônica dos templos destinados às práticas coletivas sociais. Mostramos que a “experiência do olhar fomentou e regrou os primeiros ambientes numa arquitetura esportiva preocupada em atender à necessidade da ‘visão’ das ações humanas” (BEDENDO, 2011, p.4). Com o passar dos anos, a tecnociência amplia essa “necessidade da visão” e potencializa essas arquiteturas físicas e simbólicas em todas as suas instâncias. Assim, compreendemos o quanto é imprescindível voltar às sociedades greco-romanas para aprender que, conforme nos conta Cereto (2004, p.11), foi a corrida de pedestres a precursora da relação entre as “arquiteturas” e o desejo de um olhar mais apurado. “A tipologia do

estádio é, então, oriunda dessa prática e a **maneira de ter boa visibilidade**, foi fator decisivo para a definição da forma da edificação” (Cereto, 2004, p.11, grifo meu).

A nossa opção pela Copa do Mundo de 1986, no México, é, então, um recorte desta história em movimento. A tecnologia do Tira-Teima, da Rede Globo de Televisão, apresenta-se ao Jornalismo Esportivo e ao público em geral como mais um recurso com capacidade de inserção dos *bytes* nas retinas e nos cérebros para a métrica da visão e para a conseqüente régua das “arquiteturas”. Começamos a experienciar, de maneiras mais incisivas e velozes, o que Lipovetsky (2007, p.64) chama de “hipertrofia de artifícios”.

O método da análise dos discursos dos jornalistas esportivos dos jornais selecionados se constitui “como efeito de sentido entre locutores” e, portanto, expressa linguagens que reproduzam um “sistema significante” (ORLANDI, 1994, p.53). Essas significações ilustram alguns dos impactos das tecnologias de informação e de comunicação nas “arquiteturas” dos profissionais de imprensa. A partida de estreia da Seleção Brasileira na competição contra a Espanha é, da mesma forma, elencada porque registrou lances convidativos ao debate das limitações do olhar natural humano e da necessidade de suplementação das lentes das câmeras e das métricas computacionais para as tomadas de decisões.

Aos 7 minutos do segundo tempo, o espanhol Francisco chutou de fora da área e a bola acertou o travessão do goleiro Carlos, batendo, logo em seguida, na grama, atrás do defensor. De início, pela visão dos árbitros, a bola não havia ultrapassado totalmente a risca do gol e, portanto, o placar permaneceu em zero a zero. Em meio à polêmica, foi o Tira-Teima, da Rede Globo, que confirmou que a bola havia entrado 20 centímetros na meta brasileira (BEDENDO; MONTEIRO, 2014, p.142).

A manchete do Jornal Folha de São Paulo, de 2 de junho de 1986, um dia após o embate entre as duas seleções, deixa bem evidente o posicionamento dos jornalistas do grupo: “Brasil vence Espanha com auxílio do juiz”. A afirmativa é reforçada com a foto da segunda capa, com o registro exato do momento da trajetória da bola entre o travessão e a linha de gol.

Figuras 1 e 2: Capa do Jornal Folha de São Paulo de 2 de junho de 1986 e segunda capa com a foto do lance polêmico da Espanha.



Já na página 16, no caderno da cobertura dos jornalistas Carlos Brickmann e Ricardo Kotscho, enviados especiais a Guadalajara, a manchete da matéria reitera a então “falha” do juiz de campo: “Seleção Brasileira consegue vitória após um gol da Espanha que o juiz não viu”. Em um trecho da reportagem, os profissionais de imprensa destacam que “no segundo tempo, o jogo continuou irritante. Mas, depois que os espanhóis colocaram uma bola no gol do Brasil, - que o juiz Christopher Bambridge não deu – a seleção acordou.”

A narrativa da Folha foi uma das mais críticas. Nesta edição, os repórteres acentuaram o “erro humano” por diferentes olhares. Na página 18, com a assinatura “da reportagem local” abrem o título: “A comunidade espanhola faz críticas ao juiz”. Na matéria, o relato pautado na opinião “do valenciano – natural de Valência – Romón Solsona Valléz, 59 – presidente da Sociedade Hispano Brasileira, em cuja sede (rua Ouvidor Portugal, 541, Cambuci, zona sul) perto de trezentos imigrantes espanhóis e descendentes assistiram à derrota da ‘fúria’ para a seleção brasileira.” As aspas do representante espanhol sublinham o discurso dos jornalistas: “fomos roubados pelo juiz, que não validou aquele gol de Francisco. Como espanhol, estou chorando; como brasileiro, estou contente”.

Na sequência, na página 19, na seção “análise do juiz” é a vez de “José Astolfi, 54 – especial para a Folha – ex-juiz e ex-diretor do departamento de árbitros da Federação Paulista de Futebol”. Com o título “Atuação do australiano foi desastrosa”, Astolfi ressalta que “se já era uma temeridade para os especialistas em arbitragem a escalação de Christopher Bambridge, australiano, para o difícil jogo, muito fácil será dizer que ele mudou o resultado da partida com uma arbitragem desastrosa para a Espanha, não marcando um gol que realmente existiu.” Na continuidade do texto, o ex-

juiz introduz na crítica outro personagem: o “bandeirinha” responsável por acompanhar a jogada pela lateral: “boa parte da culpa neste lance cabe ao bandeirinha holandês, Keizer, que deveria estar bem colocado, pois o lance anterior fora de escanteio.” A “punição” à arbitragem é registrada, assim, com uma avaliação: “sem diagonal, sem correr, sem punir faltas violentas, sem colocação, o árbitro deve levar a pior nota do jogo.” Por fim, uma salvação. O outro “bandeirinha” saiu ileso no teste do comentarista: “só o bandeirinha americano Davi Sacha não cometeu erros, cumprindo bem seu papel de auxiliar o complicado Christopher.”

A preocupação dos jornalistas da Folha em retratar a arbitragem não parou nesta análise. Ainda na mesma página, “Ilton José da Costa, 41 – especial para a Folha – juiz de futebol e presidente do Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo” é também “convocado” a opinar. Com a manchete “Juiz de Futebol não tem videotape”, ele, de forma mais amena, diz que “o juiz estava corretamente colocado, no bico direito da grande área. Quanto ao bandeirinha, sua preocupação, mais do que a bola, era com o último homem antes da linha-de-fundo.”

Costa deixa claro em suas palavras que o auxílio da tecnologia é essencial para tirar qualquer dúvida do lance. No “julgamento da bola” absolve o australiano: “graças ao teipe, verifica-se que a bola entrou. O juiz, porém, não dispõe desse instrumento para consulta. Ele só deve apitar quando tem convicção, no caso de que fora gol. Do contrário, ‘pró-réu’, ou seja, seleção do Brasil.” Ao contrário do companheiro de apito, oferta boa pontuação ao juiz do jogo: “Numa escala de 0 a 5 minha nota no sr. Christopher Bambridge é 4.”

A cobertura da Folha é encerrada com outra “arquitetura do olhar” que nos conduz a mais uma “experiência”. A opinião dos “Quadrinhos do Spacca”, na página 20, acentua o debate, como mostra a figura 3.

Figura 3 – Quadrinhos do Spacca – Folha de São Paulo, página 20 – 2 de junho de 1986.



Na mesma data, os discursos dos jornalistas cariocas do Jornal O Globo apresentam narrativas mais moderadas sobre a “polêmica” motivada pelas linhas computadorizadas do Tira-Teima, que classificamos como a versão adolescente do atual VAR. A capa do periódico do Rio de Janeiro, ao contrário do paulista Folha, traz uma fotografia do meia brasileiro Sócrates comemorando o gol que deu a vitória ao Brasil. Ao lado, como mostra a figura 4, uma montagem do jogador como um personagem vencedor da tradicional “tourada” espanhola. Não há na manchete referência a qualquer situação envolvendo a arbitragem.

Figura 4 - Capa do Jornal o Globo do dia 2 de junho de 1986



A menção ao discutido erro do juiz aparece apenas no texto da chamada, com uma tratativa que afirma o equívoco do árbitro e a reclamação, então, “correta” dos adversários:

Os espanhóis – que foram dominados a maior parte do jogo - queixaram-se, com justiça, de uma falha da arbitragem que não validou um gol do apoiador Michel, aos nove minutos do segundo tempo: o espanhol chutou da entrada da área, a bola bateu no travessão de Carlos, quicou dentro do gol e saiu. Nem o juiz, nem o bandeirinha viram a bola entrar.

Na página 4, em trecho da matéria com o título “Brasil estreia com importante vitória”, o periódico dá ainda mais ênfase ao “tropeço” do juiz australiano na não marcação do tento da Espanha: “[...] e apesar da ajuda do juiz que ignorou um gol de Michel no início do segundo tempo (a bola quicou dentro do gol de Carlos e saiu)”. A reportagem sobre o jogo segue com a descrição do lance e ressalta uma decisão correta do “comandante do apito” ao anular um gol do brasileiro Edinho, marcado com a mão, dois minutos depois. No mesmo espaço, na coluna “O juiz” os jornalistas entendem que ele “[...] só errou - e nisso não contou nem com a ajuda do bandeirinha – ao não

marcar o gol no chute de Michel. Estava um pouco distante e o chute foi muito forte. [...]”.

As “arquiteturas das experiências e dos olhares” desses profissionais de imprensa cariocas se voltam também para a torcida e, é neste instante, que a manchete da página 7 põe em relevo um tom irônico acerca da limitação da visão humana e do subsequente erro do árbitro. “Em Copacabana, palmas para o time e para o juiz”, diz o Jornal. A justificativa da chamada vem no texto sobre o comportamento dos torcedores após o chute do espanhol no travessão de Carlos: “[...] logo alguém descobriu que o árbitro mandara o jogo seguir e gritou ‘grande juiz’. Alívio e palmas para o juiz Christopher Bambridge, que foi até polpado depois quando anulou o gol de Edinho com a mão, que chegou a ser bastante comemorado pelos torcedores da Zona Sul.”

A figura 5 registra outro ângulo de uma foto da bola traiçoeira que causou toda a confusão. A publicação aparece na página 16 onde há um texto que assinala a reclamação do técnico da Espanha: “Para Muñoz, erro do juiz definiu o jogo - [...] somente não me conformo com o que aconteceu no lance do gol da Espanha, pois foi visível que a bola entrou. O juiz não marcou porque não quis e isso representou um grande prejuízo para o nosso time.”

Figura 5 – Telefoto de Sebastião Marinho veiculada na página 16 do Jornal O Globo de 2 de junho de 1986



Outro periódico carioca, o Jornal dos Sports, adiciona um tempero ainda mais picante ao debate sobre a atuação do australiano na condução das regras do jogo. Na página 10, há a opinião de que a Espanha foi prejudicada: “a bola bateu no travessão e caiu dentro do gol, mas o bandeirinha nada marcou; o árbitro acompanhou sua decisão e a Seleção Brasileira aliviou o perigo.” E, logo em seguida, depois de reafirmar o acerto do árbitro na anulação do gol de mão de Edinho, o Jornal afirma que Sócrates, ao abrir o placar para o Brasil, aos 18 da etapa final, estava em posição irregular: “o Brasil fez o

gol da vitória aos 18 minutos. Junior penetrou pela meia direita, tocou para Careca na área, o centroavante chutou e a bola bateu no travessão. No rebote, Sócrates, em posição de impedimento – a bola veio de um ponto neutro – cabeceou para marcar.”

Na coluna “arbitragem”, ratifica-se o discurso de uma arbitragem cheia de erros, a favor do Brasil em todas as decisões:

O árbitro australiano Christopher Bambridge, muito risonho no início do jogo, teve sérios motivos para chorar no final. Para seu azar, aconteceu ontem um lance de difícil decisão. E para a nossa felicidade ele resolveu não validar o gol legítimo da Espanha, marcado por Michel. A bola realmente entrou, lembrando o famoso lance da Copa do Mundo de 66, entre Inglaterra e Alemanha Ocidental. Naquela ocasião, certou ou não, o árbitro decidiu a favor dos ingleses. Outro lance que provocou discussão foi o gol do Brasil. Na volta da bola, Sócrates estava à espera para cabecear. Como a bola veio da trave, o jogador brasileiro estava impedido.

Na edição do dia 4 de junho, o Jornal dos Sports retrata, na página 10, a postura do autor do gol brasileiro para enfatizar que “Sócrates garante: na dúvida ninguém prejudica o Brasil”. Na reportagem, o atleta politiza o tema:

Segundo o jogador, algumas seleções, entre elas o Brasil, nunca serão prejudicadas quando houver um lance duvidoso e envolver decisões delicadas. - Por razões políticas e comerciais evidentes, todo mundo sabe que, pelo interesse geral, é necessário que a presença do Brasil e do México durem o mais possível neste Mundial.

Outra “arquitetura” demarcada procura evidenciar o que teria sido uma decisão acertada do árbitro, pautada na norma do jogo. Na página 13, uma entrevista com um dos instrutores da FIFA destaca: “Áulio garante que árbitro não teve culpa”. O representante da entidade organizadora da Copa explica detalhadamente o porquê da atitude do australiano e lamenta que a FIFA tenha pensado em afastá-lo da competição. A matéria explica, ainda, que Aulio Nazareno é “alguém acostumado a conviver diariamente com as regras do futebol e a ministrar cursos semestrais para a formação e atualização de árbitros.” Assim, continua a publicação, “é com essa abalização que Nazareno recorre ao livro do decano da Fifa, o espanhol Pedro Escartin, para explicar por que Christopher Bambridge não errou no lance que os espanhóis reclamam que teria sido gol:”

A Observação do especialista poderia, portanto, “acalmar os ânimos” na discussão:

- Segundo explica, com exatidão, o decano de instrutores da Fifa, Pedro Escardin, só é considerado gol quando a bola ultrapassar toda a circunferência pela linha de gol. Se a bola tangenciar a linha de 12 metros que fica em cima da linha do gol, não é gol. Explicando melhor: a bola pode até ultrapassar $\frac{3}{4}$ e não será gol, o que só acontece se a última parte da circunferência passar pela linha de gol. Se um gomo dessa bola tangenciar essa linha e não ultrapassá-la, não é gol. Portanto, o árbitro foi correto. E isso fica mais evidente ao se ver as fotos do lance. É nítido que a bola está em cima da linha. Pode a imprensa de todo o mundo considerar que ele errou mas se lerem com atenção as regras de futebol verão que Christopher Bambridge foi perfeito no julgamento e execução da lei.

O impedimento de Sócrates no gol da vitória do Brasil, afirmado pelo jornal, é na sequência, desconsiderado por Aulio:

A alegação de impedimento é ridícula. O impedimento é uma soma, como $6+3=9$. Se retirar o 6 ou a segunda parcela não se encontra 9 como resultado final. No caso do impedimento se aplica algo análogo. Impedimento = posição + influência. Como Júnior e Sócrates poderiam influenciar na jogada do chute do Careca, se estavam atrás dos zagueiros. Na hora do chute do Careca, quando se caracteriza ou não o impedimento, nenhum dos dois jogadores tinha influência na jogada. Mas se o chute de Careca fosse mais fraco – e não forte como aconteceu – seria impedimento. Novamente o árbitro foi perfeito na interpretação da jogada.

A “cereja na bola” da construção das “arquiteturas jornalísticas” da época é representada na mesma página com a manchete que revela a opinião de dois árbitros brasileiros sobre a intervenção da tecnologia no *football* já, àquela altura, em flerte com o *Footbyte*. A figura 6 mostra o destaque e o texto apresenta a dupla sem deixar dúvidas:

dois dos principais árbitros brasileiros, residentes no Rio, Arnaldo César Coelho e José Roberto Wright, são contra o uso de dispositivos eletrônicos para tirar dúvidas em lances duvidosos que podem acontecer durante um jogo. Para eles, somente o juiz tem poder de decisão dentro de campo e suas interpretações não podem ser contestadas.

Figura 6: recorte da página 13 do Jornal dos Sports de 4 de junho de 1986



Arnaldo César Coelho, árbitro da final da Copa de 1982, entre Itália e Alemanha, opina que “se a FIFA resolver introduzir este tipo de aparelho no futuro, é apenas problema da entidade máxima do futebol” e o Jornal reitera que “mas pessoalmente ele é contrário à idéia.” A continuidade da entrevista expõe os argumentos do profissional contrário à tecnologia:

‘Uma das razões do sucesso e das paixões que o futebol desperta é a controvérsia’, argumentou Arnaldo, que também não confia totalmente na “arbitragem” dos computadores. Para ele, a máquina também pode errar, basta que a câmara não focalize as jogadas por um bom ângulo. Ele lembrou, ainda, que durante uma partida o árbitro tem que saber interpretar a intenção do jogador em cada lance e isso o computador não saberia fazer.

A matéria descreve, ainda, a rigidez de Arnaldo em relação à “inquestionável” autoridade do árbitro” e explica que, por este motivo, ele “não quis dar sua opinião sobre a jogada da Espanha na partida com o Brasil, domingo. Ele revelou, ainda que foi procurado pela imprensa para ser comentarista da Copa e recusou por dois motivos: para evitar punições da FIFA que proíbe esse tipo de manifestação, e por ética profissional.”

Já José Roberto Whrighth, “admitiu que a Espanha realmente marcou um gol contra o Brasil, mas também não acha viável o uso de computadores para julgar uma partida: ‘a máquina só tira dúvidas se a câmara focalizar a jogada inteira, do contrário, ela também não é perfeita’, explicou.” Para este juiz, narra o Jornal, “o futebol se tornaria um esporte ‘mecânico’ se a autoridade do árbitro passasse a ser repartida com dispositivos eletrônicos. E foi enfático: - O futebol perderia a graça. O que o torcedor gosta é de ver o time vencer com um gol marcado depois do tempo regulamentar, em impedimento e com a mão.”

4 - Considerações Finais: arquiteturas físicas e cognitivas do Footbyte desafiam a ética jornalística

Neste momento, nos dedicamos ao recorte dos impactos para os jornalistas esportivos, começando por este breve retorno ao passado, numa viagem entre tempos: o da natureza e o da ampulheta, do relógio de pulso, dos cronômetros do árbitro em campo e dos demais “juízes” desta história. Nossas sensibilidades e nossa ética estão à prova. Você pode ou não concordar com o que, certa vez, lá em idos de março de 1970, disse Nelson Rodrigues irritado com as opiniões descrentes dos colegas sobre a Seleção

comandada por João Saldanha em um amistoso com a Inglaterra: “Todavia, o videotape, com sua veracidade burra, serviu para desmascarar toda a fraude. Sem recuar Pelé, ganhamos de cinco” (RODRIGUES, Nelson, 1993, p.183). Se o videotape era “burro” para Rodrigues, o que ele nos diria do Tira-Teima e agora do VAR?

As narrativas discursivas dos jornalistas sobre o jogo entre Brasil e Espanha em 1986 evidenciam algumas dinâmicas das “arquiteturas dos olhares e das experiências” que, ao longo dos anos, têm desafiado cada vez mais os profissionais de imprensa. As relações com o jogo/*game* se alteram à velocidade do *streaming* e com a precisão dos *bytes* das câmeras e computadores *hightec*.

As opiniões e informações jornalísticas pautadas, cada vez mais, pela tecnologia, pelo poder de decisão do olhar maquínico, instauram campos discursivos capazes de ampliar os conflitos sobre, por exemplo, o que é ou não real em uma partida, ou que é ou não justo. Os olhares e experiências pós-humanas deste *Footbyte*, em muitos momentos, pode nos confundir: estarmos diante de representações físicas ou de “experiências”, de “olhares” e, agora mais enfaticamente, de “decisões” de um videogame telânico?

Sejam quais forem essas “arquiteturas”, que não percamos de vista a crítica também norteadas pelas cifras propulsoras dos interesses e das intervenções da comunicação tecnicista no esporte. Fato é que a formação dos novos jornalistas e os *updates* dos mais experientes deve estar pautada em uma ética que também considere a análise das subjetividades e das limitações humanas. O método desta história em movimento pode contribuir muito neste processo.

5 - Referências Bibliográficas

BEDENDO, Ricardo. **Arquiteturas do olhar e da experiência**: os estádios plurisensoriais, o football como hiperespetáculo e alguns desafios do jornalismo esportivo. Intercom. Recife, 2011.

BEDENDO, Ricardo. **O jogo pós-humano: o *chip* na bola e a ascensão do *footbyte***. Intercom, Fortaleza, 2012.

BEDENDO, Ricardo; MONTEIRO, Enrico. **A Copa da Tecnologia e da comunicação**. In: GUERRA, Márcio (org). **O que aconteceu no país do futebol - Copa do Mundo 2014: registros e reflexões**. Juiz de Fora: NUPESCEC/UFJF – 2014.

CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CERETO, M. P. **Arquitetura de Massas**: o caso dos estádios brasileiros. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

CRISPIM, Dalton. **Confidencial**. Coluna no Jornal dos Sports, 2 de junho de 1986.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio, 24ª edição, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GUIMARÃES, Marcela Cunha; COSTA, Gustavo Tavares da. “A influência do VAR no resultado final do Campeonato Brasileiro de 2019”. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo. v.12. n.49. p.502-506, 2020.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Tela Global**: mídias culturais e cinema na era hipermoderna. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

OLIVEIRA, Adrièle Cremonete et al. “A nova tecnologia do futebol: diálogos sobre a influência do VAR”. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo. v.12. n.47. p.94-102, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. “Discurso, Imaginário Social e Conhecimento”. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, p.53-59, 1994.

PÔRTO JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças; CASTRO, Darlene Teixeira; NUNES, Gleydsson Circuncisão. “A invenção e três revoluções: uma breve história do audiovisual”. *Revista Humanidades e Inovação* v.5, n. 7 – 2018.

RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das Chuteiras Imortais**: crônicas de futebol. Seleção e notas: Ruy Castro; São Paulo: Companhia das Letras, 1993.